

Oscar Wilde

**O FANTASMA DE
CANTERVILLE**

Capítulo 1

O CASTELO DE CANTERVILLE

Quando o sr. Hiram B. Otis, ministro norte-americano, resolveu comprar o Castelo de Canterville, todos disseram que ele estava fazendo uma enorme bobagem, pois o lugar era mal-assombrado. Até mesmo Lorde Canterville achou melhor avisar o comprador do fato quando conversaram sobre os termos da venda:

— Nós desistimos de morar lá depois do susto que minha tia-avó, a duquesa viúva de Bolton, levou — disse Lorde Canterville. — Enquanto se vestia para o jantar, ela sentiu as duas mãos de um esqueleto encostarem em seus ombros. Até hoje, nunca se recuperou completamente do ocorrido.

Como o ministro não parecia impressionado com a história, Lorde Canterville continuou:

— Muitas pessoas da minha família viram o fantasma, sr. Otis, e também o vigário da paróquia e o reverendo Augustus Dampier, que é membro do King's College de Cambridge. Depois do terrível incidente com minha tia-avó, nenhum dos criados novos quis continuar a trabalhar conosco. Além de tudo, minha esposa, lady Canterville, não conseguia mais dormir, assombrada por barulhos estranhos vindos da biblioteca e do corredor.

— Caro Lorde Canterville, vou ficar com a casa, os móveis e o fantasma pelo preço que combinamos — disse o ministro. — Venho de um país moderno, onde o dinheiro compra tudo. Acho que se houvesse um fantasma de verdade na Europa, alguém já o teria levado para a América e o colocado em algum museu, ou, até mesmo, o exposto nas ruas.

— Temo que o fantasma exista e que ele tenha resistido bravamente às ofertas dos empresários de seu país — disse Lorde Canterville, sorrindo. — É conhecido há três séculos, desde 1584. Sempre aparece como **PREMONIÇÃO** antes da morte de algum membro da nossa família.

— Assim como o médico também aparece — **IRONIZOU** o ministro. — Ora, Lorde Canterville, fantasmas não existem, e acredito que as leis da natureza não vão abrir uma exceção para a **ARISTOCRACIA** inglesa.

— Bem, se o senhor não se incomoda em conviver com um fantasma na mesma casa, melhor assim — disse, confuso, pois não entendera completamente as últimas palavras do ministro. — Lembre-se de que eu o avisei.

Semanas depois, o negócio foi fechado e a família Otis se mudou para

o Castelo de Canterville. A sra. Otis era uma belíssima mulher de meia-idade, de olhos marcantes e perfil sofisticado. Muitas mulheres americanas, quando mudam-se para a Europa, adotam uma aparência **LÂNGUIDA** e doentia, julgando serem chiques dessa maneira. Mas a sra. Otis nunca cometeu esse erro e tinha uma vitalidade incrível. Era, em muitos aspectos, inglesa, provando que temos muita coisa em comum com a América, com exceção, é claro, da língua.

Washington era o filho mais velho do casal, batizado assim num momento de patriotismo dos pais do qual eles muitas vezes se arrependeram. O rapaz era loiro, bonito e sensato. Destacara-se na diplomacia americana depois de comandar uma dança chamada **COTILHÃO** no cassino de Newport durante três temporadas seguidas. Sua fama de bom dançarino chegou até Londres.

A srta. Virgínia E. Otis era a segunda filha. Aos quinze anos, esbanjava graciosidade e era adorável como uma **CORÇA**. Seus belos olhos azuis produziam faíscas de liberdade. Ótima **AMAZONA**, certa vez venceu o velho e experiente Lorde Bilton em uma corrida a cavalo ao redor do parque. Isso causou grande impacto no jovem duque de Cheshire, que a pediu em casamento imediatamente. Na mesma noite, os tutores do pobre rapaz o mandaram, em lágrimas, estudar em Eton.

Por último vinham os gêmeos, conhecidos como **ESTRELAS E LISTRAS**, pois soavam sempre como dois chicotes em ação. Eram dois meninos encantadores e podia-se dizer que, sem contar o ilustre ministro, eram os únicos **REPUBLICANOS** de verdade na família.

Como o Castelo de Canterville ficava a mais de dez quilômetros da estação de trem de Ascot, o sr. Otis contratou uma carruagem para levá-los até a nova residência. O dia estava lindo e eles estavam todos de muito bom humor. Durante o trajeto, naquela bela tarde de julho, a família Otis pôde sentir o aroma refrescante dos pinheiros, escutar o som doce de pombos e faisões e ver esquilos e coelhos escondendo-se atrás das árvores. No entanto, quando chegaram na avenida do castelo, o céu nublou de repente, o ar ficou parado, sem produzir sequer o barulho do vento, um bando de gralhas sobrevoou a carruagem em silêncio e, ao avistarem a casa, pingos grossos de chuva caíram sobre suas cabeças.

Quem os recebeu foi uma senhora vestida de preto, com touca e avental brancos. Era a sra. Umney, antiga governanta que ficara na casa depois de um pedido de lady Canterville à sra. Otis. Com muito respeito, cumprimentou cada um e disse, cheia de cerimônia:

— Sejam bem-vindos ao Castelo de Canterville.

Em seguida, levou-os à biblioteca, um lugar comprido e com **PÉ-DIREITO** baixo, que tinha painéis de madeira escura e uma grande janela de vitral. Lá, a sra. Umney serviu o chá, enquanto os novos moradores do castelo tiravam seus casacos e observavam tudo ao redor. De repente, a sra. Otis viu uma mancha vermelha no chão, próxima à lareira. Sem saber do que se tratava, disse à sra. Umney:

— Devem ter derramado alguma coisa ali.

— É verdade — disse a governanta em baixo tom de voz. — Derramaram sangue.

— Que horror! É preciso removê-lo! Não suporto manchas de sangue dentro de casa! — exclamou a sra. Otis.

No mesmo tom baixo e misterioso, mas agora com um sorriso nos lábios, a governanta disse:

— É o sangue de lady Eleanore de Canterville, morta pelo marido, sir Simon de Canterville, bem ali naquele lugar, em 1575. Nove anos depois do assassinato, sir Simon desapareceu misteriosamente. Seu corpo nunca foi encontrado, mas seu espírito culpado por ter matado a esposa ainda assombra esta casa. Os turistas e visitantes admiram a mancha no chão. Não é possível removê-la.

— Isso é bobagem — disse Washington Otis tirando um produto de dentro de sua maleta. — Este Removedor de Manchas Campeão e Detergente Poderoso da marca Pinkerton vai dar um jeito nisso.

Dito isso, o rapaz se ajoelhou no chão e começou a esfregar freneticamente o produto sobre a mancha. Em segundos, o sangue havia desaparecido.

— Eu sabia que a Pinkerton não ia falhar! — gritou, triunfante, o rapaz.

Na mesma hora, um forte trovão ecoou no ar, um relâmpago riscou o céu e a sra. Umney desmaiou.

— Que tempo horrível — disse o sr. Otis acendendo um charuto com toda a calma do mundo. — Este país deve estar tão populoso que não consegue produzir mais tempo bom para todo mundo. Sempre achei que a única solução para a Inglaterra é a emigração.

— Querido, o que faço com uma governanta que desmaia? — perguntou a sra. Otis.

— Desconte de seu salário, como se fosse um objeto quebrado — respondeu o ministro. — Aposto que não irá desmaiar mais.

Não se sabe se foi pelo comentário do patrão, mas a sra. Umney levantou-se logo em seguida, demonstrando profundo aborrecimento. Colocou-se de pé e disse:

— Não devia ter limpado a mancha, meu rapaz. É melhor que os senhores tomem cuidado, pois não se sabe o que pode acontecer de agora em diante. Tenho visto coisas nesta casa que me deixam noites sem dormir. Qualquer cristão ficaria de cabelo em pé.

— Não se preocupe — disse o sr. Otis. — Nem eu nem ninguém da minha família acredita em fantasmas.

— Que Deus os abençoe — falou a mulher, retirando-se para o seu quarto.

Capítulo 2

O LUBRIFICANTE SOL NASCENTE

Durante a noite toda, pôde-se ouvir a furiosa tempestade rugir, mas nada de extraordinário aconteceu. Entretanto, na manhã seguinte, quando a família desceu para o café da manhã, todos depararam com a terrível mancha de sangue no piso da biblioteca.

— Não acredito que seja culpa do Detergente Poderoso, pois já o testei em tudo o que possam imaginar. Deve ser o fantasma — disse Washington.

Dito isso, ele esfregou e removeu a mancha novamente, mas, na segunda manhã, ela estava lá de volta. À noite, o sr. Otis resolveu trancar a biblioteca pessoalmente depois de pedir que Washington limpasse o chão, mas, na terceira manhã, lá estava a mancha novamente. Todos estavam muito interessados naquele fenômeno agora. O sr. Otis começou a desconfiar de que tivesse sido muito **CÉTICO** quando negou a existência do fantasma. A sra. Otis disse que queria entrar para a Sociedade Psíquica e Washington preparou uma longa carta para pessoas especializadas em Permanência de Manchas Sangüíneas relacionadas a crimes. Naquela noite, não havia mais dúvida para a família de que o fantasma existia.

O dia havia sido quente e ensolarado. Os Otis resolveram aproveitar o frescor do final da tarde para um passeio, do qual regressaram somente às nove da noite. Sentados à mesa para uma ceia leve, ninguém falou de fantasmas. Como, mais tarde, vim a saber pelo sr. Otis, a conversa girou em torno de assuntos habituais aos americanos cultos de classe alta. Comentaram que Fanny Davenport era muito melhor atriz do que Sarah Bernhardt, que era difícil en-

contrar milho verde, bolo de trigo **SARRACENO** e canjica até mesmo nas melhores lojas inglesas, que Boston era importantíssima para o desenvolvimento do espírito universal, que o processo de despachos de bagagem em viagens de trem era muito vantajoso e que o sotaque nova-iorquino era doce perto da arrastada fala londrina. Não houve nenhuma alusão a coisas sobrenaturais nem a sir Simon de Canterville.

Às onze horas, a família se recolheu a seus respectivos aposentos e, às onze e meia, as luzes foram totalmente apagadas. Um tempo depois, o sr. Otis acordou com um ruído estranho vindo do corredor. Era um **RANGIDO** de metal desagradável que se aproximava cada vez mais da porta de seu quarto. Na mesma hora, o ministro se levantou, acendeu uma vela e olhou para o relógio. Era uma hora da manhã. Ele ouvia agora o som de passos. Depois de calçar chinelos, o sr. Otis alcançou um frasco de vidro comprido na gaveta da mesa de cabeceira e abriu a porta.

Diante dele, iluminado pela pálida luz da lua que entrava pela janela do corredor, estava um velho horroroso. Seus olhos pareciam brasas flamejantes e ele tinha longos cabelos grisalhos caindo, em cachos, sobre os ombros. As roupas muito antigas estavam imundas e rasgadas. Nos pulsos e tornozelos, haviam **GRILHÕES** e algemas completamente enferrujadas.

— Caro senhor — disse o ministro dos Estados Unidos com toda a calma —, insisto para que utilize este lubrificante em suas correntes. Ele se chama Lubrificante Sol Nascente, da marca Tammany. Dizem que é muito eficaz desde a primeira aplicação. Vou deixar este pequeno vidro aqui sobre esta mesa de mármore. Se desejar mais, terei o maior prazer em fornecer-lhe.

Dito isso, o sr. Otis fechou a porta e voltou para a cama. O fantasma de Canterville ficou parado por alguns instantes, sentindo uma profunda indignação, depois atirou o vidro do produto contra o chão e saiu caminhando pelo corredor emitindo gritos de raiva e uma estranha luz verde pela pele. Quando chegou diante da enorme escada de carvalho, uma porta se abriu e duas pequenas criaturas vestidas de branco lhe atiraram um travesseiro. Revoltado, o fantasma não encontrou outra saída a não ser utilizar seus poderes e desaparecer no ar.

Escondido em um quartinho secreto em cima da casa, o fantasma precisou se encostar em um raio de luar para recuperar as forças. Nunca, em sua brilhante existência de trezentos anos, ele tinha sido tão grosseiramente **INSULTADO** como naquela noite. Pensou na duquesa viúva, que quase teve

uma crise quando, coberta de jóias e rendas diante do espelho, sentira suas mãos cadavéricas sobre os ombros; nas quatro arrumadeiras que ficaram histéricas quando o viram sorrindo atrás de uma cortina de um quarto de hóspedes; no perturbado vigário da paróquia, cuja vela ele apagara certa madrugada, quando o pobre homem saía da biblioteca; e na madame de Tremouillac, que certa vez despertou cedo e deu de cara com um esqueleto sentado na poltrona à frente da lareira lendo seu diário. A mulher ficou seis semanas de cama e depois cortou relações com o conhecido cético francês **MONSIEUR** de Voltaire.

Lembrou-se de todas as suas proezas, desde o mordomo que se suicidou com um tiro porque viu uma mão batendo de leve na janela da cozinha até a belíssima lady Stutfield, condenada a usar uma faixa preta de veludo no pescoço para sempre a fim de esconder a marca deixada por cinco dedos que queimaram sua pele clara e que acabara por se afogar no tanque de carpas do King's Walk.

Depois de tantas glórias como fantasma, agora ele era obrigado a enfrentar aqueles americanos insolentes que lhe presenteavam com o Lubrificante Sol Nascente e lhe atiravam travesseiros. Isso era intolerável! Não havia fantasma na história mundial que tivesse recebido semelhante tratamento. Resolveu que iria se vingar e então fez uma profunda meditação até o raiar do dia.

Capítulo 3

MÃOS AO ALTO!

Na manhã seguinte, a família passou todo o café da manhã conversando sobre o fantasma. O ministro ficou bastante chateado quando percebeu que seu presente fora rejeitado.

— Não foi minha intenção lhe fazer mal nem ofendê-lo — disse ele. — Além do mais, não achei educado jogarem travesseiros num fantasma que habita este lugar há tanto tempo.

Os gêmeos caíram na risada e o sr. Otis continuou a falar.

— Por outro lado, se ele se recusa a usar o Lubrificante Sol Nascente, teremos que desacorrentá-lo. Ninguém vai suportar o barulho durante a noite.

Mas a semana correu tranqüila, sem ruídos durante a madrugada. A única coisa que chamou a atenção foi a constante renovação da mancha de sangue sobre o assoalho da biblioteca, apesar de Washington limpá-la toda noite e trancar a porta a chave. O mais estranho é que a cor da mancha muda-va todas as manhãs. Certos dias ela era vermelho-vivo, outros tinha uma colora-

ção mais pálida. No dia em que a família resolveu fazer uma oração de acordo com os rituais da Igreja Episcopal Americana Livre e Reformada, a mancha amanheceu num tom verde-esmeralda brilhante. Todos se divertiam muito com o aspecto **CAMALEÔNICO** do sangue, com exceção de Virgínia, que se assustou tanto a ponto de quase chorar no dia em que o chão acordou verde.

No domingo à noite, o fantasma fez uma nova aparição. Logo após a família ir se deitar, ouviu-se um estrondo ensurdecedor vindo da entrada da casa. Todos correram para lá e viram que a armadura de ferro antes pendurada na parede encontrava-se caída no chão. O fantasma estava sentado numa cadeira próxima, esfregando os joelhos com uma expressão de dor.

— Mãos ao alto! — gritou o sr. Otis ao fantasma, apontando-lhe uma arma de acordo com as regras da etiqueta **CALIFORNIANA**.

— Isso mesmo, mãos ao alto! — berraram os gêmeos, usando **ESTILINGUES** para atirar bolinhas contra a aparição.

Revoltado, o fantasma de Canterville levantou-se bruscamente, deu um grito cavernoso e passou por todos como se fosse uma nuvem de fumaça. No caminho, apagou a vela do sr. Otis, deixando todos numa escuridão profunda. Quando atingiu o alto da escada, parou e soltou sua famosa gargalhada demoníaca, aquela que já lhe tinha sido tão útil em outras ocasiões. Gargalhou tão alto que o teto chegou a **ECOAR** mais de uma vez. No entanto, qual não foi sua surpresa quando uma porta se abriu no andar de cima e de dentro do quarto saiu a sra. Otis vestindo uma camisola azul.

— Vejo que o senhor não se sente muito bem. Deve ser indigestão. Tome aqui esta tintura do Doutor Dobell. É um ótimo remédio — disse ela.

O fantasma se enfureceu, soltou fumaça pelo nariz e estava prestes a se transformar num enorme cachorro preto, uma de suas melhores façanhas, quando percebeu a presença dos gêmeos subindo as escadas. Diante disso, achou melhor apenas tornar-se **FOSFORESCENTE** e sumir no ar soltando um gemido agudo e dolorido.

A salvo das crianças, o fantasma continuou muito agitado. Estava mesmo impressionado com a falta de respeito dos gêmeos e com a **VULGARIDADE** da sra. Otis. No entanto, o que mais o afligia era o fato de não ter conseguido vestir

a armadura de ferro. Tinha a esperança de que até mesmo americanos modernos fossem se assustar diante de um fantasma **ENCOURAÇADO**, nem que fosse em consideração ao poeta nacional deles, Longfellow, cuja poesia tão delicada o havia entretido durante o tempo que passava sozinho no castelo, quando os Canterville estavam na cidade. A armadura era sua e ele a tinha vestido no famoso torneio de Kenilworth. Naquela noite, entretanto, ela o esmagara e o levara ao chão de tão pesada, esfolando seus joelhos seriamente.

O fantasma passou vários dias se recuperando da queda. Só saía de seu quarto, no sótão, para manter viva a mancha de sangue. No dia 17 de agosto, porém, uma sexta-feira, ele decidiu:

— Vou fazer uma nova tentativa de assustar esses americanos. E desta vez vou conseguir! — exclamou, entusiasmado.

Escolheu cuidadosamente o que iria vestir: um grande chapéu sem abas e com uma pena vermelha, uma **MORTALHA** com babados nos punhos e no pescoço, além de uma **ADAGA** toda enferrujada. À noite, uma enorme tempestade desabou, fazendo com que as janelas balançassem e rangessem a cada golpe de vento.

— É exatamente desse tipo de ventania que eu precisava hoje! — disse o fantasma para si mesmo.

Seu plano começaria com Washington Otis, o rapaz que o irritava por remover as manchas de sangue do chão com o Detergente Poderoso Pinkerton toda noite. Ele iria até seu quarto, sussurraria algumas palavras sem sentido em seu ouvido e depois enfiaria a adaga na própria garganta três vezes ao som de alguma música lenta. Isso com certeza o deixaria apavorado. Em seguida iria até o quarto do casal, colocaria as mãos pegajosas na testa da sra. Otis e falaria coisas horríveis no ouvido do marido. Quanto à Virgínia, ainda não estava certo do que iria fazer. “Ela nunca me maltratou. Além disso, é meiga e bonita. Talvez bastem uns gemidos vindos de dentro do armário”, pensou. Mas, para os gêmeos, ele estava preparando uma surpresa. “Vou sentar sobre os peitos deles para que se sintam sufocados e imaginem que estão tendo um pesadelo. Depois vou me deitar entre as camas deles e tirar a mortalha, de forma que meus ossos fiquem à mostra. Não vou me esquecer de girar os olhos sem parar, como se estivessem em órbita. Eles vão ficar e paralisados de terror!”, pensou satisfeito.

Capítulo 4

A FALSIFICAÇÃO

Perto das dez e meia da noite, o fantasma escutou a família subir as escadas e se recolher em seus devidos aposentos. Até às onze e meia, porém, os gêmeos conversaram e deram risadinhas típicas de crianças que gostam de se divertir antes de pegar no sono. Quando o relógio soou meia-noite, chegou a hora. Com um sorriso malicioso no rosto, o fantasma saiu pelo corredor arrastando sua longa mortalha e fazendo movimentos de ataque no ar com a adaga, como se estivesse treinando algum tipo de golpe.

Uma coruja bateu contra a vidraça e um corvo **GRASNOU** ao longe. O vento soprava fortíssimo e a chuva fazia barulho nas janelas, dando a impressão de que havia almas penadas pela casa. No entanto, o som mais alto que se escutava pela mansão era o do ronco do ministro dos Estados Unidos. De repente, ele parou.

— O que é isso? Parece que ouvi um chamado... — disse baixinho para si mesmo.

No instante seguinte, porém, o fantasma percebeu que era apenas o latido de um cão. Ele seguiu caminhando em direção ao quarto de Washington. As sombras que produzia na parede, causadas pela iluminação da luz da lua, eram tão assustadoras que chegavam a deixá-lo desconfortável.

À meia-noite e quinze, ele se preparou para dar início a seu plano. Parou na curva do corredor perto da porta do quarto do rapaz, esperou alguns segundos enquanto o vento desgrenhava seus cachos grisalhos, respirou fundo e deu uma risada baixinha. Ao virar a esquina, no entanto, parou.

— Aaaaahhhhhh!!!! — berrou apavorado, tampando o rosto com as mãos ossudas.

Diante dele, havia uma criatura horrorosa, imóvel e monstruosa. Era careca, branquelo e gordo, com o rosto redondo. A boca estampava um risinho **CÍNICO** do lado esquerdo e os olhos lançavam raios vermelhos em sua direção. Para completar, a criatura vestia uma mortalha como a sua, só que ainda mais velha e pavorosa, e levava um **SABRE** afiado de aço em uma das mãos. No peito, a aparição carregava uma tabuleta com escritos em caracteres antigos. “Deve ser sua lista de crimes ou os registros dos pecados cometidos”, pensou atordoado.

Como aquela era a primeira vez que via um fantasma, ele correu para o quarto, louco de terror. No caminho, acabou derrubando sua adaga dentro das

botas do ministro, que na manhã seguinte foi encontrada pelo mordomo. Na segurança de seu aposento, ele entrou debaixo dos cobertores, cobriu o rosto e lá ficou por quase uma hora, tremendo de medo. Depois o espírito corajoso dos Canterville falou mais alto e ele decidiu ir falar com o fantasma de manhã.

— Dois fantasmas podem unir suas forças para apavorar esses americanos! Os gêmeos não perdem por esperar! — exclamou, assim que os primeiros raios do dia iluminaram o céu.

Quando chegou ao lugar onde vira o fantasma na noite anterior, no entanto, percebeu que algo surpreendente havia acontecido com o **ESPECTRO**. Para começar, a luz vermelha que saía de seus olhos havia se apagado. O sabre brilhante e afiado estava caído no chão e o fantasma estava encostado na parede, meio desajeitado, numa posição bastante desconfortável. O fantasma de Canterville se aproximou e o agarrou pelos braços, mas, nessa hora, a cabeça da aparição rolou pelo chão e todo o corpo se **DESMANTELOU**. Ele se viu diante de um cabo de vassoura enrolado num pano branco que tinha pés feitos de **NABO**. No chão, em vez do sabre havia uma antiga faca de cozinha cuidadosamente lustrada para dar mais brilho. **ATÔNITO**, sem entender o que estava acontecendo, o fantasma leu a tabuleta pendurada na vassoura. Dizia:

O Fantasma de Otis

A única aparição original e verdadeira.

Cuidado com as imitações.

Todos os outros fantasmas são falsificados.

— Fui enganado!!!! — gritou o fantasma, compreendendo tudo afinal.

Ele levantou as mãos para o alto num gesto de desespero. Seu rosto adquiriu uma expressão demoníaca e as gengivas desdentadas ficaram à mostra. Sem pensar, ele fez um juramento em voz alta:

— Assim que o galo cantar duas vezes, o sangue vai começar a rolar nesta casa!

Vou cometer crimes **HEDIONDOS!**

Mas, naquela manhã, o galo só cantou uma vez. Inconformado e já percebendo a aproximação das arrumadeiras dentro da casa, o fantasma de Canterville se viu impossibilitado de cumprir seu juramento.



— Maldito galo! Em outros tempos eu enfiaria uma faca em sua garganta até ele cantar, nem que fosse pela última vez! — resmungou o fantasma, recolhendo-se no sótão até o anoitecer.

Capítulo 5

O RESFRIADO

No dia seguinte, o fantasma estava se sentindo fraco e cansado. Os terríveis acontecimentos das últimas quatro semanas começavam a pesar. Sentia os nervos **EXAURIDOS** e se assustava ao menor ruído. Ficou dentro do quarto por cinco dias inteiros e, finalmente, desistiu de sair à noite para manter viva a mancha de sangue na biblioteca. Se a família Otis não a desejava é porque não a merecia. Eram pessoas **DESTITUÍDAS** de qualquer requinte, sem capacidade de dar valor aos fenômenos **SENSORIAIS**.

Apesar de todo o cansaço havia, porém, obrigações das quais o fantasma não se liberava. Era seu dever fazer aparições no corredor uma vez por semana e também falar da janela do balcão na primeira e na terceira quartas-feiras de cada mês. O sobrenatural era algo muito sério e ele não via como não cumprir esses deveres. Nos três sábados seguintes, então, ele atravessou o corredor entre meia-noite e três da manhã tomando o máximo de cuidado para não despertar ninguém. Tirou as botas, pisou o mais leve possível nas tábuas velhas do assoalho, vestiu uma **TÚNICA** de veludo preta e teve a preocupação de utilizar o Lubrificante Sol Nascente para que as correntes não rangessem. Devo admitir que somente depois de muita dúvida o fantasma resolveu fazer uso do lubrificante. No início sentiu-se meio humilhado, mas depois reconheceu que aquela invenção até que lhe era bastante útil e, certa noite, enquanto os Otis jantavam, entrou **SORRATEIRAMENTE** no quarto do ministro e pegou o frasco.

Mesmo assim, não o deixavam em paz. Estavam sempre esticando cordões pelo corredor para que ele tropeçasse de madrugada e, numa dessas noites escuras, o fantasma levou um tombo feio numa tábua escorregadia colocada na frente do quarto dos gêmeos. Isso o deixou tão furioso que ele decidiu tentar impor sua dignidade de uma vez por todas diante daqueles meninos insolentes. Vestiu-se de O Conde sem Cabeça, fantasia essa

que já tinha feito lady Bárbara Modish, a antiga noiva do avô do atual lorde de Canterville, romper o noivado e morrer de tristeza em menos de um ano, tamanho fora seu pavor. A preparação levou mais de três horas, pois o traje exigia cuidado.

Por volta de uma e quinze da manhã, o fantasma saiu de seu quarto caminhando devagar e prestando atenção em cada passo para não fazer barulho. Diante do quarto dos gêmeos, ele parou. A porta estava entreaberta. Como queria fazer uma aparição de impacto, empurrou a porta e entrou de uma só vez, soltando um grito cavernoso. Um barulho esquisito veio do alto da porta e um balde d'água caiu sobre seu corpo, molhando-o até os ossos.

— Ri, ri, ri!!!! — ele ouviu os gêmeos dando risada sob o **DOSEL** azul de uma das camas.

O choque que sofreu foi tão grande que ele voltou correndo para o quarto e, na manhã seguinte, acordou com um forte resfriado. “Ainda bem que eu estava sem cabeça, ou as conseqüências teriam sido bem mais sérias para a minha saúde”, pensou. Depois desse episódio, o fantasma de Canterville desistiu de assustar a grosseira família americana. Resignou-se a caminhar pelos corredores de chinelos, vestindo um cachecol para evitar golpes de vento e portando apenas uma antiga arma a fim de se defender dos gêmeos.

Mas, ainda assim, sofreu outra investida. Era dia 19 de setembro e ele estava no *hall* de entrada dando risada das fotografias da família do ministro expostas na parede no lugar dos retratos da família Canterville. Estava vestido de Ladrão de Cadáveres, ou seja, trajava uma mortalha salpicada de terra do cemitério e levava nas mãos uma pá e uma lanterna. Quando, perto das duas e quinze da manhã, ele resolveu ir até a biblioteca verificar se ainda havia algum rastro de sangue no assoalho, duas criaturas pequenas saíram de um canto escuro e agitaram as mãos loucamente sobre sua cabeça gritando:

— Búúúú!!!!

Ele tentou fugir, mas Washington Otis o esperava na porta da biblioteca de posse de uma mangueira de água. Como não estava disposto a pegar outro resfriado, enfiou-se pela chaminé e desapareceu. Precisou se espremer todo até conseguir chegar ao quarto no sótão. Quando finalmente deitou-se na cama, exausto, estava sujo, **DESALINHADO** e sentindo-se profundamente humilhado.

Depois disso, o fantasma nunca mais foi visto pela casa. Os gêmeos armaram diversas armadilhas e colocaram nozes pelo corredor, mas foi tudo em vão. Era claro que os sentimentos do fantasma estavam feridos e que ele não ia mais aparecer.

— Que bom! – exclamou o ministro americano. — Agora que o fantasma se foi, podemos retomar nossas vidas. Vou escrever uma carta a Lorde Canterville informando-o do desaparecimento do fantasma.

O ministro recebeu outra carta em resposta, na qual Lorde Canterville cumprimentava-o pelo grande feito. A família passou a se dedicar a outros afazeres. Os gêmeos começaram a jogar um tipo diferente de hóquei, além de pôquer e outros jogos americanos. A sra. Otis preparou um piquenique de **MEXILHÕES** que deixou a vizinhança boquiaberta e a jovem Virgínia cavalgava toda tarde na companhia do duque de Cheshire, que tinha ido passar suas últimas duas semanas de férias no castelo de Canterville.

O que ninguém sabia era que o duque de Cheshire era sobrinho-neto do Lorde Francis Stilton, que certa vez apostara um bom dinheiro com o coronel Carbury que jogaria dados com o fantasma de Canterville. O pobre homem amanheceu jogado no chão da sala de jogos delirando. Antes de morrer, falou apenas coisas desconexas sobre um jogo de dados. A família abafou o caso, mas o fato é que a história ficou famosa. Embora o fantasma de Canterville estivesse quase inválido e sem disposição para assombrar os americanos, ele sentiu uma grande ansiedade ao ver o jovem duque. Era uma questão de honra provar a si mesmo que ainda exercia uma influência sobre os Stilton.

Vestiu-se de O Monge Vampiro para assombrar o rapaz. Era um traje muito poderoso, que já havia matado a velha lady Startup de susto na noite de ano-novo em 1764. Diante da porta de seu quarto, porém, sentiu-se desencorajado. Não queria passar pelo terror de encontrar os gêmeos pela frente mais uma vez. O medo o paralisou e o fez ir se deitar, permitindo que o jovem duque tivesse uma bela noite de sono e doces sonhos com Virgínia.

Capítulo 6

O BEM CONTRA O MAL

No dia seguinte, Virgínia rasgou sua linda roupa de amazona ao cruzar uma cerca de arbustos durante a cavalgada com o duque. Envergonhada, quando chegou em casa, decidiu subir as escadas dos fundos para que ninguém a visse. Passando pela sala de costura, viu alguém lá dentro. Pensou que era a criada de sua mãe e entrou, mas qual não foi sua surpresa quando deu de cara com o fantasma de Canterville olhando pela janela! Com o olhar desolado, ele observava as folhas avermelhadas balançando com o vento e fazendo com que as árvores chacoilhassem de um lado para o outro, como num

balé. O primeiro impulso de Virgínia foi o de sair correndo, mas o fantasma parecia tão triste, que ela resolveu ir consolá-lo.

— Sinto muito pelo senhor, mas fique tranqüilo, meus irmãos voltarão para o colégio, em Eton, amanhã. Então, se o senhor se comportar, ninguém irá incomodá-lo — disse ela.

O fantasma só percebeu a presença de Virgínia depois que ela começou a falar, tamanha era sua falta de ânimo. Ele ouviu suas palavras, espantado por uma garota tão linda e delicada ter lhe dirigido a palavra com aquela serenidade:

— É um completo absurdo você me pedir para ter bom comportamento. Minha única razão de existir é poder arrastar correntes, gemer através do buraco da fechadura, caminhar sem destino pela noite, essas coisas...

— Isso não é razão de existir. Além do mais, o senhor sabe que foi muito malvado.

A sra. Umney nos contou que o senhor matou sua mulher.

— Está bem, admito que a matei, mas aquele era um assunto de família. Ninguém tem o direito de se meter.

— É errado matar os outros! — exclamou Virgínia, num tom grave.

— Ah, como é severa e pobre a **ÉTICA ABSTRATA!** Você não sabe nada sobre minha mulher... Ela era feia, gorda, não sabia cozinhar e não engomava bem as minhas roupas. De qualquer maneira, não achei certo os irmãos dela terem me deixado morrer de fome como vingança por eu tê-la assassinado.

— Eles o deixaram morrer de fome? Quer dizer que o senhor está com fome, sr. fantasma, ou melhor, sir Simon? Tenho um sanduíche aqui comigo. O senhor quer comê-lo?

— Não, hoje em dia já não como mais nada. Mas agradeço, de qualquer forma. A senhorita é muito mais bondosa, simpática e amável do que o resto de sua família horrível, grosseira, vulgar e desonesta.

— Já chega! — exclamou Virgínia. — O senhor é que é horrível grosseiro e vulgar.

E quanto à desonestidade, o senhor bem sabe que roubou minhas tintas para tentar recuperar aquela mancha de sangue no assoalho. Primeiro roubou todos os meus tons de vermelho, inclusive o vermelhão, impedindo-me de pintar pores do sol, depois pegou o verde-esmeralda e o amarelo-cromo. Restaram apenas o índigo e o branco-chinês, que só me permitem pintar luas deprimentes. Fiquei muito aborrecida com o senhor, mas ainda assim não

o denunciarei. E que história é essa de me roubar o verde? Onde já se viu uma mancha de sangue verde-esmeralda?

O fantasma lançou um olhar humilde para a moça e respondeu:

— É verdade, mas o que é que eu podia fazer? Foi o seu irmão que começou tudo com aquele Detergente Poderoso, então não achei que deveria ter **ESCRÚPULOS** em roubar suas tintas. Está muito difícil encontrar sangue de verdade na Inglaterra. Quanto às cores, tudo é uma questão de gosto. Os Cantervilles têm sangue azul, por exemplo, o mais azul de toda a Inglaterra, mas sei que vocês americanos não se importam com essas coisas.

— O senhor não sabe de nada! Seria melhor **EMIGRAR** para aprimorar seu espírito. Meu pai ficaria muito feliz em lhe dar passe livre, embora é bom que saiba que existem impostos pesados sobre qualquer tipo de espírito. De qualquer maneira, não terá problemas com a **ALFÂNDEGA**, uma vez que os funcionários são todos democratas. O senhor faria grande sucesso em Nova York. Tem muita gente por lá que pagaria uns cem mil dólares para ter um avô e mais dinheiro ainda para ter um fantasma na família.

— Acho que eu não iria gostar da América.

— Imagino que seja porque lá não temos ruínas nem curiosidades — disse ela, num tom de deboche.

— Não têm ruínas! Nem curiosidades! — exclamou o fantasma. — Vocês têm a Marinha e têm também seus costumes.

— Boa noite! Vou pedir ao meu pai que arrume mais uma semana de férias para os gêmeos.

— Por favor, não vá, senhorita Virgínia — pediu ele. — Estou tão sozinho e infeliz que não sei o que fazer. Quero ir dormir, mas não consigo.

— Isso é um absurdo! Basta que se deite na cama e apague a vela. É mais difícil ficar acordado, principalmente na igreja. Dormir é fácil demais. Até os bebês sabem como fazê-lo e eles nem são tão inteligentes.

— Não durmo há trezentos anos. Estou tão cansado... — suspirou ele.

Os olhos azuis de Virgínia se arregalaram de espanto. Ela ficou séria e seus lábios rosados começaram a tremer. Ela se aproximou do velho fantasma, ajoelhou-se ao lado dele e disse:

— Pobre, pobre fantasma. O senhor não tem um quarto, uma cama para dormir?

— Lá longe, além dos pinheirais, tem um jardim — respondeu ele num tom de voz suave e sonhador. — A grama cresce alta e densa por lá, onde é

possível encontrar as estrelas **ALVAS** da flor de **CICUTA** e ouvir o rouxinol cantar a noite toda. A lua prateada observa tudo do alto e as árvores estendem seus braços gigantes sobre os que dormem.

— O senhor está falando do Jardim da Morte — disse ela baixinho.

— Sim, estou falando da morte. Como ela deve ser bonita... Como deve ser bom se deitar na terra fofa e escura, com a grama balançando sobre a cabeça, e escutar apenas o silêncio. Não existir ontem, nem amanhã. Esquecer o tempo, perdoar a vida e estar em completa paz.

— O que o senhor quer dizer?

— Que você pode me ajudar a conseguir tudo isso.

— Eu? — perguntou a menina.

— Você pode me ajudar a abrir os portais da casa da morte.

— De que maneira?

— Você tem o amor junto com você e o amor sempre vence a morte.

Virgínia sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo. Parecia estar no meio de um sonho. Depois de alguns momentos de silêncio, o fantasma disse, num tom de voz que parecia o suspiro dos ventos:

— Por acaso você já leu a profecia na janela da biblioteca?

— Várias vezes — respondeu ela. — É difícil de ler, pois está escrita em letras estranhas, mas eu sei os versos de cor:

*Quando uma menina com brilho dourado conseguir tirar
Preces dos lábios de um pecador,
Quando a amendoeira infértil frutificar
E uma criança suas lágrimas derramar,
Então o silêncio irá chegar
E a paz em Canterville retornará.*

— O que acha desses versos? — perguntou ele.

— Não sei o que significam — respondeu ela.

— Significam — disse ele com tristeza — que você precisa chorar comigo pelos meus pecados, pois não tenho lágrimas, e orar comigo pela minha alma, pois não tenho fé. Depois disso, se você tiver sido sempre boa, meiga e gentil, o anjo da morte terá pena de mim. Você verá formas horrorosas na escuridão e vozes maldosas dirão coisas aos seus ouvidos, mas ninguém lhe fará mal, pois o inferno não consegue vencer a pureza de uma criança.

Virgínia permaneceu de joelhos, com a cabeça baixa e os lindos cabelos dourados lhe cobrindo o rosto. O fantasma retorceu as mãos em gestos de ansiedade e desespero. De repente, a jovem se levantou e disse, com um estranho brilho nos olhos e firmeza na voz:

— Não tenho medo. Vou pedir ao anjo da morte que tenha piedade do senhor.

O fantasma ficou tão feliz que tomou as mãos dela entre as dele e as beijou, num gesto de agradecimento. Seus dedos eram gelados e os lábios **INCANDESCENTES**, mas ela não hesitou em acompanhá-lo ao quarto das tapeçarias, no alto da escada. Enquanto ele a conduzia, ela via pequenas criaturas no papel de parede dizendo para ela desistir e fazendo movimentos negativos com as mãos.

— Volte, pequena Virgínia, volte! — gritavam eles.

Ela fechou os olhos para não vê-los e o fantasma apertou sua mão com mais força.

Mais adiante, animais terríveis com caudas de lagarto e olhos arregalados piscavam para ela dizendo:

— Cuidado, Virgínia! Talvez não a vejamos nunca mais!

Mas o fantasma acelerou o passo e ela não os escutou. Quando chegaram ao quarto das tapeçarias, ele parou e disse algumas palavras, que ela não entendeu. Virgínia abriu os olhos e viu a parede se dissolver devagar, como numa manhã nublada. Uma caverna escura e profunda surgiu à sua frente. Um vento gelado passou por eles e ela sentiu algo puxando sua roupa.

— Rápido, rápido, ou será tarde demais! — gritou o fantasma.

Em segundos, as paredes se fecharam atrás deles e a sala ficou vazia.

Capítulo 7

O PERDÃO

Cerca de dez minutos depois, tocou a campainha para o chá. Como Virgínia não desceu, a sra. Otis pediu para um dos empregados ir chamá-la. Ele não demorou a voltar. Entrou no salão de chá e disse:

— Desculpe-me, senhora, mas não encontrei a srta. Virgínia em nenhum lugar.

— Bem, ela deve ter ido apanhar flores no jardim para enfeitar a mesa do jantar — disse a sra. Otis.

No entanto, quando o relógio bateu seis horas e a jovem não apareceu, ela começou a ficar realmente preocupada. Ela e o marido entraram em todos

os aposentos da casa, mas não encontraram a filha. Então a sra. Otis pediu aos gêmeos e a Washington:

— Por favor, procurem a irmã de vocês ao redor da casa.

Por volta de seis e meia, eles retornaram.

— Não há nem sinal dela — disse um dos gêmeos.

Em meio a grande agitação, o sr. Otis disse:

— Esperem um pouco... Acabei de me lembrar que dei permissão a um grupo de **CIGANOS** para acampar no parque uns dias atrás.

Washington deu um passo à frente e falou, num tom apressado:

— Vamos agora mesmo para lá! Vou buscar dois empregados para nos acompanhar.

— Quero ir também! — gritou o duque de Cheshire, louco de ansiedade.

— Não, meu caro Cecil. Você fica aqui para o caso de ela aparecer — ordenou o sr. Otis, que no fundo tinha medo de que o jovem duque se metesse em alguma briga com os ciganos.

Ao chegar no local do acampamento cavalgando a todo vapor, eles constataram que o grupo tinha partido de repente.

— A fogueira ainda está ardendo e há pratos sujos pela grama — notou um dos empregados.

— Dêem uma busca pelos **ARREDORES**. Vou voltar para casa e telegrafar para toda a polícia local pedindo que procurem uma menina de quinze anos raptada por desocupados ou por ciganos! — exclamou o ministro.

Depois de chamar a polícia, saiu de novo a cavalo em direção à estação de trem de Ascot na esperança de encontrar a filha. Cerca de duas milhas depois, escutou galopes atrás dele. Parou e olhou para trás. Era o jovem duque de Cheshire, que vinha no seu pônei, com o rosto todo vermelho e a cabeça descoberta.

— Perdoe-me, sr. Otis — disse ele, ofegante —, mas não consigo ficar em casa enquanto Virgínia está desaparecida. Se o senhor tivesse permitido que ficássemos noivos no ano passado, nada disso estaria acontecendo. Por favor, não me mande de volta. Não vou! Não posso ir!

O ministro sorriu, emocionado com a demonstração de amor do rapaz. Aproximou seu cavalo do pônei, bateu de leve no ombro do duque e disse:

— Está bem, meu rapaz. Pode me acompanhar, mas precisarei arrumar-lhe um chapéu quando chegarmos em Ascot.

— Que chapéu que nada! Quero Virgínia! — exclamou o jovem, galopando atrás do sr. Otis.

Em Ascot, ninguém havia visto uma jovem com a descrição de Virgínia, mas o chefe da estação telegrafou para todas as estações daquela linha de trem, garantindo ao ministro que uma vigilância rigorosa se estabeleceria a partir daquele momento. O sr. Otis comprou rapidamente um chapéu para o duque de um comerciante de tecidos que estava prestes a fechar a loja e os dois se dirigiram a Bexley, uma aldeia a cerca de quatro milhas, muito conhecida por ser freqüentada por ciganos. Depois de despertar o guarda rural e vasculhar a área toda, não encontraram nada nem ninguém que tivesse visto a jovem, então os dois voltaram para casa, exaustos e inconformados. Washington e os gêmeos os aguardavam com lanternas para iluminar o caminho.

— E então, alguma novidade? — perguntou o sr. Otis.

— Os ciganos foram capturados, mas não estão com Virgínia — disse um dos gêmeos.

— E por que partiram com tanta pressa? — perguntou o ministro.

— Disseram ter se enganado sobre a data da feira de Chorton. Saíram às pressas com medo de não chegarem a tempo — explicou Washington. — Quatro dos ciganos desistiram de ir à feira para auxiliar nas buscas. Disseram ser gratos ao sr. Otis pela permissão para acampar no parque.

O tanque das **CARPAS** havia sido esvaziado e toda a propriedade, vasculhada. Estava claro para todos que, pelo menos naquela noite, não havia nada mais que eles pudessem fazer. Entraram em casa desolados, onde encontraram um grupo de criados nervosos e a sra. Otis **ESTIRADA** no sofá da biblioteca enlouquecida de pavor e ansiedade. A governanta aplicava-lhe **COMPRESSAS** de água-de-colônia na testa.

— Você precisa se alimentar — disse o ministro à esposa, ordenando que o jantar fosse servido a todos.

Foi uma refeição triste e silenciosa. Até os gêmeos, que costumavam tagarelar, estavam cabisbaixos, pois gostavam muito da irmã. Quando a ceia terminou, o sr. Otis disse:

— Vamos todos dormir. Amanhã cedo vou telegrafar para Scotland Yard e pedir que me mandem alguns detetives especializados.

Nesse exato momento, enquanto todos se dirigiam ao andar de cima, o relógio da sala soou meia-noite. Quando a última badalada tocou, um estrondo **ENSURDECEDOR** e um grito agudo, quase metálico, ecoou pelos corredores. A casa balançou, empurrada pelo vento forte e um trovão repentino. Uma música fantasmagórica se espalhou pelo ar. Um quadro que cobria a parede

de cima a baixo, estilo painel, caiu, causando barulho assustador ao se espantificar no chão. No alto da escada, surgiu Virgínia, muito pálida, com um pequeno cofre nas mãos. Todos correram para abraçá-la. O duque e a sra. Otis quase a sufocaram de beijos. Os gêmeos pulavam e dançavam ao redor deles.

— Deus do céu, onde você estava, minha filha? — perguntou o sr. Otis, imaginando que seu desaparecimento havia sido alguma espécie de brincadeira. — Cecil e eu procuramos você por toda parte e sua mãe quase morreu de susto!

— Minha filhinha linda, graças a Deus você está viva! Nunca mais saia de perto de mim — pedia a sra. Otis, enquanto acariciava os cabelos dourados de Virgínia.

— Papai — disse ela baixinho —, eu estive com o fantasma. Ele está morto e o senhor precisar ir até lá para vê-lo. Ele foi muito mau no passado, mas se arrependeu de tudo o que fez e me presenteou com esta linda caixa de jóias antes de partir.

Todos olharam para ela com ar de espanto, mas seu tom era sério e grave. Virgínia os levou através de uma abertura na parede antes imperceptível, pois ficava atrás do quadro que caíra, dentro da sala das tapeçarias. Washington iluminava o caminho com uma vela. O grupo atravessou um corredor escuro e chegou diante de uma grande porta de carvalho. A jovem encostou sua mão nela e a fechadura girou sozinha. Quando a porta se abriu, a família Otis e o duque de Cheshire se encontraram dentro de um quatinho minúsculo com teto em forma de **ABÓBADA**. No alto, havia uma pequena janela com grades e na parede de pedra, uma corrente se prendia a um esqueleto deitado no chão. Suas mãos estavam voltadas para dois potes colocados à sua frente, mas impossíveis de serem alcançados. Em um deles devia haver água, pois agora estava repleto de mofo esverdeado. O outro continha apenas um monte de pó. Virgínia se ajoelhou diante do esqueleto e começou a rezar em silêncio, enquanto todos observavam a cena boquiabertos com o segredo trágico que agora se revelava.

— Olhem! — exclamou um dos gêmeos que tentava olhar através da janela para descobrir em que parte da casa ela estava. — A velha amendoeira seca floresceu! Dá para ver as flores com a luz da lua!

— Deus o perdoou — disse Virgínia, pondo-se de pé e se deixando iluminar por uma bela luz.

— Você é mesmo um anjo! — disse o jovem duque, passando o braço ao redor de seu pescoço e beijando-a.

Capítulo 8

O SEGREDO

Quatro dias depois desses acontecimentos interessantes, um **FUNERAL** partiu do Castelo de Canterville por volta das onze horas da noite. O carro fúnebre era puxado por oito cavalos de pêlo negro levando **PENACHOS** de pluma de avestruz na cabeça. O caixão estava envolto em uma mortalha vermelha, na qual estava bordado o brasão da família Canterville. Os empregados levavam tochas acesas ao lado do carro, o que deixava o **CORTEJO** ainda mais bonito e emocionante. Lorde Canterville, que viera do País de Gales especialmente para a ocasião, era destaque na cerimônia, por isso ia na primeira carruagem ao lado de Virgínia. Logo depois vinham o ministro dos Estados Unidos e sua esposa, em seguida Washington Otis, os gêmeos e o duque e, no último carro, a sra. Umney, que fora assombrada pelo fantasma por cinqüenta anos e, por isso, tinha o direito de ver seu fim.

Augusto Dampier, o reverendo, leu o serviço fúnebre de forma maravilhosa enquanto os restos do fantasma eram sepultados sob o velho **TEIXO**. Na hora do sepultamento, os empregados apagaram as tochas, seguindo um costume dos Canterville. Virgínia se aproximou do caixão e colocou uma cruz feita de flores de amendoeira brancas e rosa sobre ele. Nessa hora, um rouxinol cantou alto e a lua saiu detrás das nuvens, colorindo o pequeno cemitério e os espectadores de prateado. Ela se lembrou da descrição do Jardim da Morte que o fantasma lhe fizera e seus olhos se encheram de lágrimas. Na volta para casa, ela ficou quase o tempo todo em silêncio.

Na manhã seguinte, antes de Lorde Canterville partir, o sr. Otis resolveu conversar com ele sobre as jóias que Virgínia ganhara de presente do fantasma. Eram peças belíssimas, principalmente um colar de rubis montado no antigo estilo **VENEZIANO**, uma verdadeira obra de arte do século XVI. Além disso, eram jóias de valor tão alto, que o sr. Otis não queria permitir que sua filha as aceitasse.

— Caro Lorde Canterville — começou o ministro —, sei que neste país não se transferem terras nem jóias e estou convencido de que essas jóias fazem parte da herança de sua família. Peço, então, que as leve com o se-

nhor e as considere parte de sua propriedade que lhe foi devolvida em circunstâncias estranhas.

Lorde Canterville não parecia satisfeito com as palavras do ministro, mas ele continuou:

— Minha filha ainda é uma criança, com certeza não tem interesse em acessórios de luxo supérfluos. Minha esposa, que entende muito de jóias, disse que essas pedras preciosas têm valor alto. O senhor poderia, se preferir, colocá-las à venda e conseguir um bom dinheiro.

Antes que Lorde Canterville dissesse qualquer coisa, o sr. Otis completou seus pensamentos:

— Como pode ver, caro Lorde, não posso permitir que as jóias fiquem na minha família. Além do mais, esses adornos e enfeites, por mais que caiam bem e sejam até necessários à aristocracia britânica, não combinam com aqueles que foram educados nos moldes severos e imortais, eu diria, da simplicidade republicana. Virgínia só lhe pede uma coisa.

— O quê? — perguntou Lorde Canterville, confuso.

— Ela gostaria de ficar com a caixa das jóias.

— Com a caixa?

— Sim, ela quer ter uma recordação de seu infeliz **ANTEPASSADO**. Como a caixa está velha, em péssimo estado mesmo, talvez o senhor não se importe. De minha parte, acho estranho que um filho meu se interesse por coisas **MEDIEVAIS**. Só posso explicar isso pelo fato de Virgínia ter nascido em um subúrbio de Londres, logo depois de a sra. Otis ter voltado de uma viagem para Atenas.

Depois de escutar atentamente todo o raciocínio do ministro norte-americano, enquanto arrumava o longo bigode grisalho de vez em quando, Lorde Canterville apertou-lhe a mão num gesto cordial e disse:

— Meu caro senhor, sua adorável filha prestou um serviço **IMPAGÁVEL** ao meu antepassado, sir Simon. Todos os meus familiares lhe são extremamente gratos e, na verdade, nós nos sentimos devedores pela sua incrível coragem e poder de decisão. As jóias pertencem a ela e a ninguém mais.

O ministro tentou argumentar, mas Lorde Canterville não permitiu e continuou falando.

— Acho até que se eu tivesse a ousadia de lhe tirar as jóias, o danado do fantasma se levantaria do túmulo e iria me infernizar para o resto da vida — brincou. — Quanto à questão da herança, garanto-lhe que nada é considera-

do herança se não fizer parte de um **TESTAMENTO** legal. Ninguém sabia da existência dessas jóias, portanto, minha família não tem direito a elas.

Os dois ficaram em silêncio por alguns instantes. O sr. Otis suspirou e Lorde Canterville concluiu seu pensamento:

— Virgínia vai gostar de usar coisas bonitas quando crescer, mesmo que não tenha sido educada para dar valor a esse tipo de coisa. Além de tudo, sr. Otis, não se esqueça de que o senhor comprou a casa e o fantasma pelo preço que combinamos e tudo o que era do fantasma passou às suas mãos na hora da assinatura do contrato. Por mais que o fantasma fizesse suas excursões pela casa durante a noite, ele estava legalmente morto, então o senhor adquiriu seus bens ao comprar o castelo de Canterville.

— Ainda sim não estou certo de que Virgínia deva ficar com as jóias — disse o ministro.

— Considere um presente meu então, um presente da família Canterville a srta. Virgínia Otis — disse o Lorde.

Depois de mais alguns argumentos, o sr. Otis acabou aceitando o presente do fantasma, ou da família Canterville, seja lá o que fosse. Na primavera de 1890, a pequena Virgínia, que se tornara uma moça, chamou a atenção da rainha ao ser apresentada como duquesa de Cheshire durante a cerimônia de seu casamento com Cecil, o jovem duque de Cheshire. Assim que o rapaz completou a maioridade, os dois se uniram em **MATRIMÔNIO**, e as jóias que ela usava na festa eram motivo de admiração de todos.

— Como esses dois se amam! — ouvia-se pelo salão **PAROQUIAL**.

— Vê-se nos olhos deles que estão apaixonados! — diziam as pessoas.

— E que jóias maravilhosas! — comentava-se.

A única que não estava feliz com o enlace era a marquesa de Dumbleton, que gastara um dinheirão em três jantares ao duque de Cheshire, na esperança de que ele se encantasse por uma de suas sete filhas solteiras. O sr. Otis, estranhamente, também não queria a união. Ele gostava muitíssimo do jovem duque, por isso sua esposa lhe perguntou os motivos de sua **OBJEÇÃO** ao casamento. Desconsolado, ele respondeu:

— Temo que, pela preocupante influência de uma aristocracia amante do prazer, os verdadeiros princípios da simplicidade republicana sejam esquecidos.

No entanto, suas preocupações se **DISSIPARAM** no caminho para a Igreja de São Jorge, em Hannover Square. Ao conduzir sua bela filha ao altar, não poderia haver homem mais orgulhoso em toda a Inglaterra.

Ao final da lua-de-mel, o duque e a duquesa de Cheshire foram até o Castelo de Canterville para uma temporada. No dia em que chegaram, deram um passeio pelo pequeno cemitério no final da tarde, perto dos pinheirais. Em princípio, houve muita dúvida quanto à inscrição na lápide de sir Simon, mas depois acabou se decidindo gravar as iniciais do velho cavalheiro e os versos da janela da biblioteca. A duquesa colocou lindas e perfumadas rosas sobre o túmulo. Depois de alguns minutos, os dois entraram na pequena capela, já em ruínas, da antiga **ABADIA**. Cecil olhou para os lindos olhos azuis de sua esposa, que se sentara numa coluna caída, e disse:

— Virgínia, uma esposa não deve ter segredos para o marido.

— Meu querido Cecil, eu não tenho segredos para você.

— Tem sim – disse ele, sorrindo.

— Do que está falando?

— Você nunca me contou o que aconteceu durante o tempo em que estive trancada com o fantasma.

— Cecil, eu nunca contei isso a ninguém! – exclamou ela, num tom de quem não gostou do comentário.

— Eu sei, mas, já que sou seu marido, você poderia me contar.

— Não me peça isso, Cecil, por favor. Eu não posso contar. Coitado de sir Simon!

Eu devo muito a ele...

O jovem duque riu.

— Não ria, Cecil, tudo o que lhe digo é verdade – disse a duquesa. — Ele me fez conhecer em vida o significado da morte. Principalmente, me fez ver que o amor é mais forte do que a vida e a morte.

O duque abraçou sua esposa e a beijou com afeto, depois falou:

— Está bem, pode guardar seu segredo, com tanto que eu possua seu coração.

— Meu coração sempre foi seu, Cecil.

— E você contará para nossos filhos algum dia, não é?

O rosto de Virgínia ficou **CORADO**.